

● ENTREVISTA

# MELHORES CONDIÇÕES PARA ENFERMEIROS

Sílvia Caldeira, coordenadora adjunta do doutoramento em enfermagem na Universidade Católica Portuguesa

MARIANNA PACIFICO  
mpacifico@dnoticias.pt

Natural de Machico, a coordenadora adjunta do doutoramento em enfermagem na Universidade Católica Portuguesa, Sílvia Caldeira, licenciou-se na Escola Superior de Enfermagem São José de Cluny em 2000, é especialista em enfermagem de saúde infantil e pediátrica e em enfermagem médico-cirúrgica, na área de enfermagem à pessoa em situação crónica.

Sílvia Caldeira é a conferencista convidada pela Secção Regional da Madeira da Ordem dos Enfermeiros para as comemorações do Dia Internacional do Enfermeiro. Pelas 16h30 de hoje, o Salão Nobre da Assembleia Legislativa Regional, acolhe a conferência intitulada 'A Enfermagem, hoje', proferida pela enfermeira madeirense que vive e trabalha em Lisboa há 12 anos.

Ao DIÁRIO, a especialista faz uma análise da enfermagem nos dias de hoje, dos principais desafios que a classe enfrenta e aborda a importância da espiritualidade nos cuidados de saúde.

Na conferência de hoje vai falar sobre a enfermagem de hoje, houve muitas mudanças? Pensar em enfermagem hoje quase nos obriga a fazer uma retrospectiva do que foi a enfermagem anteriormente e projectar a enfermagem que queremos no futuro.

A minha proposta para é retomar desde o tempo de Florence Nightingale, cujo nascimento celebra-se precisamente hoje, 202 anos se fosse viva. Florence Nightingale é conhecida como sendo pioneira na enfermagem, não sendo a primeira enfermeira, foi quem colocou a enfermagem como uma disciplina, além de uma profissão.

A grande inovação de Nightingale foi dar ao enfermeiro a capacidade de decidir a partir de conhecimento próprio, dando ao enfermeiro a capacidade de decidir de forma autónoma, trazendo a enfermagem para o domínio da disciplina, da ciência e não tanto da arte de cuidar.

Fiz toda a minha formação na Madeira, licenciou-me na Escola S.



ORDEM ASSINALA  
HOJE O DIA  
INTERNACIONAL DO  
ENFERMEIRO COM  
CONFERÊNCIA

José de Cluny, costumo dizer que vivi quase que uns anos loucos da enfermagem. Em 1996 foi publicado o Regulamento do Exercício Profissional da Enfermagem, precursor do nosso Código Deontológico e da Ordem dos Enfermeiros, que acabou por ser instituída dois anos depois. Portanto, era eu estudante de enfermagem e isto estava tudo a acontecer.

Em 2000 não existia, em Portugal, doutoramento em enfermagem, 22 anos depois eu sou coordenadora do doutoramento em enfermagem na Universidade Católica Portuguesa. É uma evolução exponencial da enfermagem.

Hoje em dia temos enfermeiros que estão a desenvolver-se a nível científico, que actuam em diferentes campos, não só em enfermarias hospitalares, temos enfermeiros nas escolas, nas instituições, na comunidade, enfermeiros em ambientes de guerra, portanto o enfermeiro neste momento tem uma actuação muito diversificada, que exige um aprofundamento e um desenvolvimento de competências, que colocam a enfermagem num lugar diferente.

Qual é o futuro? Percebendo este passado, que é relativamente recente e compreendendo o que se passa hoje em dia, acredito que a enfermagem do futuro passa muito pelo fortalecimento do conhecimento específico da enfermagem. O futuro passa por capacitar os enfermeiros a nível da investigação, do desenvolvimento da própria disciplina, isto para capacitá-los na tomada de decisão do cuidado que eles prestam.

Defendendo a aposta na formação, que análise faz ao ensino da enfermagem na Madeira? Como sou filha da terra também a nível de formação tenho as melhores referências. Des-

taco a qualidade, quer do ensino, quer dos cuidados de enfermagem que nós temos na Região.

Eu acredito que as condições geográficas, as características da população madeirense, as características da própria ilha e a forma como o sistema de saúde está organizado são factores positivos para manter a qualidade, quer da formação, quer dos cuidados de saúde que a Madeira tem.

Por alguma razão os enfermeiros portugueses, os madeirenses em particular, são muito apeteceíveis no mercado de trabalho internacional, a formação é de alto valor humano, técnico e científico e os cuidados também.

O fenómeno que eu considero mais interessante é precisamente o que no continente gostariam de ter, que é os enfermeiros formam-se em determinada escola e depois continuam a colaborar na formação de novos estudantes, mantendo uma linha conceptual e teórica sobre o que é a enfermagem. Ou seja, há um mesmo pensar sobre o que é a enfermagem, a prestação de cuidados e a sua organização.

Temos enfermeiros com mestrados e doutoramentos, que estão a fazer percursos brilhantes na Região e não só, temos muito enfermeiros fora com trabalhos de sucesso. No corpo docente das escolas da Região temos pessoas muito capacitadas e com muito valor, o que é bom para toda a enfermagem, assim como para as pessoas que vão precisar dos cuidados, é por isso que nós precisamos de nos fortalecer e capacitar, para dar resposta às pessoas que precisam de nós, essa é a missão que a enfermagem tem de manter.

**Quais são os principais desafios para a enfermagem na Madeira? É mais fácil definir os desafios quando os vivenciamos, da informação que eu tenho, julgo que o principal desafio poderá ser ficarmos com os nossos enfermeiros.**

É muito importante conseguirmos manter os nossos enfermeiros na nossa terra, a trabalhar em prol dos nossos cidadãos, sei que precisamos de cerca de 250 enfermeiros para manter o rácio aceitável, sei também que os nossos enfermeiros estão exaustos.

Os principais desafios para a enfermagem, internamente são os próprios enfermeiros continuarem a desenvolver a sua profissão e a afirmá-la enquanto disciplina e profissão essencial à saúde em Portugal, bem como em qualquer parte do mundo. Externamente, penso que o desafio é conseguir, de facto, que as forças políticas passem do discurso às acções concretas que dignifiquem o trabalho do enfermeiro.

A pandemia veio deixar ao descoberto algumas situações difíceis para os enfermeiros. Nós sabemos o que vale o trabalho de um enfermeiro, mas muitas vezes os momentos de crise, como a pandemia, mostram a brutalidade das horas e

# EE

## ENFERMAGEM DO FUTURO PASSA PELO FORTALECIMENTO DO CONHECIMENTO ESPECÍFICO”

### “ESCASSEZ DE ENFERMEIROS TEM REPERCUSSÕES PARA TODAS AS PESSOAS”

de condições de trabalho nas quais os enfermeiros têm de trabalhar.

Ainda bem que as condições de trabalho dos enfermeiros vieram para a opinião pública, acredito que a pandemia veio aguçar a visão que os cidadãos têm da enfermagem no sentido do reconhecimento. Agora é muito importante, é urgente e é uma questão de dignidade profissional, que as forças políticas possam reconhecer esse trabalho

**Há ainda um longo caminho a percorrer para garantir boas condições de trabalho dos enfermeiros?** Eu acho que o caminho tem sido feito, os alertas têm sido dados, os números estão aí, os factos não deixam mentir. Estamos todos interessados em que as situações se resolvam, não só pelos enfermeiros em si, mas porque a própria evidência nos diz que enfermeiros com melhores níveis de bem-estar prestam melhores cuidados, sabemos que as taxas de mortalidade podem estar relacionadas com a falta de enfermeiros num determinado serviço.

A escassez de enfermeiros tem repercussões não só para os enfermeiros, na questão da exaustão, mas para as pessoas, por isso isto já é uma discussão que não é só profissional, mas de cidadania. Os ci-

dadãos têm de entrar nesta discussão, compreendendo que melhores condições de trabalho para os enfermeiros são melhores cuidados para todos nós, porque todos nós iremos precisar um dia de um enfermeiro.

**Tem colaborado em diversos projectos relacionados com o ensino da espiritualidade, qual é a importância da espiritualidade nos cuidados de saúde?** Quando apresentei o meu trabalho de fim de curso o tema de interesse era a espiritualidade nos cuidados de saúde, em particular na enfermagem.

Sendo a saúde um domínio tão importante, que quando nos falta acaba por nos alertar para questões de fundo da nossa vida, eu como estudante de enfermagem sempre senti, acompanhando doentes nos hospitais, que as pessoas recorriam muito a elementos religiosos, como o terço, e a frases relacionadas com Deus, o que me alertou para a importância das crenças espirituais no domínio da saúde.

Nessa altura, há 22 anos, a evidência era escassa nesta temática, quer a nível nacional, como internacional, com isso detectei essa falta de uma abordagem científica à espiritualidade. A investigação relacionada com a espiritualidade

em saúde tem vindo a crescer de modo exponencial e tem revelado uma dimensão fundamental na saúde, não só para os doentes, mas para os profissionais e para as próprias organizações.

A espiritualidade é entendida como uma dimensão relacionada com o sentido da vida, com a necessidade de estarmos uns com os outros, no fundo a imagem metafórica é nos imaginarmos a receber uma notícia negativa de um diagnóstico médico que nos põe a vida em perspectiva, a possibilidade de finitude. De facto, nos momentos de sofrimento, são os profissionais de saúde que lá estão, então esta dimensão é cada vez mais entendida como necessária para um cuidado de saúde humano, no fundo, é colocar a pessoa doente no centro dos cuidados.

Temos percebido também que as práticas espirituais e religiosas têm efeitos na saúde, estamos a trazer esta vertente científica para uma área que era considerada abstracta e difícil de abordar.

**O que é para si ser enfermeiro?** O enfermeiro é aquele profissional de saúde devidamente capacitado com competências específicas que permitem avaliar e compreender as respostas humanas que pessoas têm nos seus processos de saúde e de vida, diagnosticar, de acordo com os seus conhecimentos, definir intervenções que possam ser autónomas, mas também em equipa multidisciplinar, no sentido de as pessoas terem resultados positivos em saúde, o que é diferente da cura da doença.

Os resultados que os enfermeiros pretendem têm a ver com a independência, a capacitação para o autocuidado, o conseguir tomar banho, o conseguir alimentar-se, o conseguir estar bem consigo e com as pessoas. Ou seja, é mais numa perspectiva funcional e de bem-estar global.

